



1. Passarinho
 2. Fôlego preto
 3. Sete tapas
 4. Ferro e sangue
 5. Pupila de noite
 6. Para o lado das flores
- Epílogo Lâmpada coberta de neve

Autora

Créditos

1. Passarinho

Parece que vai chover.

Murmuras alto.

O que faremos se chover forte?

Observas as noqueiras em frente ao Docheong^[1] com os olhos semicerrados. Como se, por entre os galhos oscilantes, pudesse se divisar a forma do vento. Como se as gotas da chuva que estavam se escondendo no ar fossem saltar e brilhar no vazio como gemas cristalinas.

Experimentas abrir mais os olhos. O contorno das árvores parece mais esfumado que há pouco, com os olhos semicerrados. Será que terei que usar óculos um dia? Veio-te à mente o rosto amuado do teu irmão do meio, com os óculos de armação quadrada de plástico marrom, e logo se dissipou entre os sons de gritos e de aplausos que vêm da fonte. Teu irmão disse que no verão os óculos escorregavam do nariz e, no inverno, sempre que entrava em lugares fechados, não conseguia enxergar, porque as lentes ficavam embaçadas. Será que dá para fazer a visão não piorar para se evitar os óculos?

Obedece enquanto estou falando com calma. Volta logo para casa.

Balanças a cabeça para esquecer a voz brava do teu irmão do meio. A voz vigorosa da jovem mulher que segura o microfone chega vibrando. Da escada de entrada do Sangmuguan,^[2] onde estás sentado, não se vê a fonte. Para poderes ver a cerimônia de homenagem ao menos de longe, tens que sair do prédio pelo teu lado direito. Em vez de fazer isso, prestas atenção na voz da mulher.

“Pessoal, os nossos amados cidadãos que estavam sendo consagrados no Hospital da Cruz Vermelha estão vindo para cá.”

Por iniciativa da mulher, começa-se o *Aegukga*.^[3] As vozes de

milhares de pessoas se sobrepõem umas às outras como um pagode^[4] de milhares de metros e encobrem a voz da mulher. Tu também cantas, baixinho, seguindo aquela toada que sobe pesadamente e desce, resoluto, arrastando-se até o clímax.

“Quantos, no total, serão os mortos transferidos do Hospital da Cruz Vermelha hoje?” Quando, de manhã, fizeste essa pergunta, Jinsoo respondeu lacônico: “Serão mais ou menos trinta”. Enquanto o refrão daquela canção pesada se acumula como um pagode comprido e desce, arrastando-se, trinta caixões serão descarregados do caminhão, um a um. Serão postos ao lado dos vinte oito caixões que, de manhã, carregaste, junto com os meninos mais velhos, do Sangmuguan até a fonte.

Dos oitenta e três caixões que estão no Sangmuguan, vinte e seis não tinham passado pela cerimônia de homenagem coletiva, mas chegaram a vinte e oito, pois ontem à noite apareceram duas famílias, identificaram os cadáveres e os colocaram apressadamente no caixão. Escreveste o nome deles e o número dos caixões no livro, acrescentando, entre parênteses, “cerimônia de homenagem coletiva 3”. Pois Jinsoo havia pedido que os deixasses bem registrados para não enviar o mesmo caixão de novo para a próxima cerimônia de homenagem. Tu também querias participar da cerimônia dessa vez, mas ele te mandou ficar no Sangmuguan.

“Talvez apareça alguém nesse meio-tempo. Fique aqui, velando-os.”

Todos os colegas mais velhos que trabalhavam contigo foram à cerimônia de homenagem. Os familiares dos defuntos, que passaram várias noites sem dormir em frente aos caixões, seguiram-nos como espantalhos recheados de areia ou pano, com laço preto no lado esquerdo do peito. Eunsuk, que ficara para trás, quando disseste que estava tudo bem, sorriu, mostrando levemente os dentes. Aqueles dentes tortos faziam com que a expressão dela tivesse algo de brincalhão, mesmo quando, por pena, sorria de modo embaraçado ou forçado. “Então... Já volto, vou ver só o comecinho.”

Deixado ali sozinho, sentaste na escada de entrada do

Sangmuguan. Colocaste sobre os joelhos o livro com capa e contracapa de papelão preto. Sentias o frio da escada de cimento através da calça de ginástica azul-clara. Abotoaste completamente o uniforme da escola, que vestias sobre o de ginástica, cruzando firmemente os braços.

Rios e montanhas esplêndidos cheios de hibiscos-da-síria.

Paras de cantar e, repetindo “rios e montanhas esplêndidos...”, lembras do símbolo para a sílaba *ryeo*, “esplêndido”, que viste na aula de ideograma chinês. É um ideograma que não tens certeza como se escreve e que tem particularmente muitos traços. Significa a “natureza cujas flores são lindas” ou a “natureza linda como flores”? No quintal, as malváceas que no verão cresciam mais altas que tu se sobrepõem aos ideogramas. Talos compridos e retos dos quais brotam, indiferentes, cachos de flores como pedacinhos de pano branco. Querendo lembrar bem, fechas os olhos. Abre-os um pouco, e as noqueiras em frente ao Docheong continuam a balançar ao vento. Ainda não saltou nenhuma gota de chuva por entre o vento.

Mesmo tendo terminado o *Aegukga*, parece que a organização dos caixões não acabou. Ouvem-se vagamente os gritos de alguém entre o murmúrio da massa. Não sei se é para ganhar tempo, mas a mulher com o microfone sugere que, dessa vez, todos cantem o *Arirang*.^[5]

*O amor que foi embora sem mim
Terá dor nos pés antes de andar uma légua.*

Após os choros diminuírem, a mulher fala:

“Vamos orar silenciosamente pelos que se foram.”

No momento em que o murmúrio de milhares de pessoas cessa, tu te surpreendes com o repentino silêncio ao redor. Em vez de orar em silêncio junto com eles, tu te levantas. Enfias o livro embaixo do braço e sobes as escadas em direção à porta de

entrada do Sangmuguan, que havias deixado aberta. Pegas a máscara cirúrgica do bolso e a vestes.

Acender velas não adianta nada.

Aguentando o cheiro, entras no auditório. Dentro, parece noite, porque o dia está nublado. Ao lado da entrada, os caixões que já passaram pela cerimônia de homenagem são reunidos de maneira ordenada, e os corpos das trinta e duas pessoas que ainda não puderam ser colocados em caixões, porque suas famílias ainda não chegaram, estão dispostos sob a grande janela, cobertos por panos de algodão branco.

Entras e caminhas até o fundo do auditório. Olhas para as compridas formas dos sete corpos deixados no canto. Estão cobertos até o topo da cabeça com panos de algodão branco, e são revelados apenas para as pessoas que estão procurando alguma jovem mulher ou criança. Pois as formas são cruéis demais.

Entre eles, o estado do corpo que está no canto, ao fundo, é o pior. Quando a viste pela primeira vez, ela era uma mulher pequena, com mais ou menos vinte anos, e agora o volume do corpo chegara ao tamanho de um homem adulto, devido à decomposição. Cada vez que o descobres e o mostras às pessoas que estão à procura de uma filha ou irmã mais nova, ficas surpreso com a velocidade da decomposição. Há na frente dela, no olho esquerdo, na maçã do rosto e no queixo, no lado esquerdo do peito despido e no flanco, sinais de múltiplas punhaladas desferidas com uma grande espada. A parte direita do crânio parece ter sido golpeada por um cassetete e está afundada, podendo-se ver o cérebro. Aquelas feridas mais visíveis foram as primeiras a apodrecer. Em seguida, as contusões da parte superior do corpo também começaram a se decompor. Os dedos dos pés, cujas unhas estavam pintadas de cor transparente, estavam limpos e sem feridas externas, mas com o tempo engrossaram e enegreceram como pedaços de gengibre. A saia plissada com estampa de bolinha, que lhe cobria inteiramente os joelhos, agora não os cobre, inchados.

Voltas para a entrada. Pegas velas novas na caixa deixada sob a

mesa e retornas para junto do corpo do canto. Inclinas o pavio de algodão da vela nova em direção à chama da gasta, que queima bruxuleante ao lado da cabeça. Quando a vela nova é acesa, apagas a gasta com um sopro, removendo-a do vidro com cuidado para não te queimar, e a substituis pela nova.

Estás com o torso inclinado, com a vela gasta ainda quente na mão. Aguentando o cheiro de cadáver, de fazer sangrar o nariz, contemplas a chama da vela. A parte externa e quase transparente da chama, que dizem ser capaz de inibir cheiros, arde tremeluzente. A parte interna, laranja, vacila calorosamente, como se quisesse encantar os olhos. No interior, vês oscilar o núcleo azulado da chama, em forma de um pequeno coração ou de uma semente de maçã.

Por não aguentar mais o cheiro, levantas o torso. Olhas o entorno escurecido, e as velas, vacilantes junto às cabeças, parecem te observar como calmas pupilas.

Quando o corpo morre, pensas de repente, para onde será que a alma vai? Quanto tempo será que fica ao lado do corpo?

Ao observar com atenção para ver se há mais velas para trocar, caminhas em direção à entrada.

Quando uma pessoa viva contempla uma pessoa morta, será que a alma do morto não contempla também o seu próprio rosto ao lado do vivo? Logo antes de sair do auditório, tu te viras e olhas. Não há almas em nenhum lugar. Há apenas os corpos deitados em silêncio e o miasma pungente.

A princípio, aqueles corpos estavam deitados no corredor da Sala de Serviço de Petição Civil do Docheong, não no Sangmuguan. Observaste, com os olhos vagos, que uma menina mais velha, vestindo o uniforme de verão de gola larga do colégio Speer, acompanhada de outra menina com mais ou menos a mesma idade, limpava o rosto manchado de sangue dos cadáveres com uma toalha molhada e, com força, tentava esticar os braços de modo a ficarem estirados ao lado do corpo.

“Por que está aqui?”

A menina mais velha de uniforme escolar levantou o rosto e

te perguntou, baixando a máscara cirúrgica até o queixo.

Os olhos levemente salientes eram redondos e graciosos, e o cabelo, amarrado em duas tranças, era de fios muito finos e encaracolados. Os fios, molhados de suor, estavam grudados nas têmporas e na testa.

“Estou procurando um amigo.”

Respondeste baixando a mão que cobria o nariz por causa do fedor de sangue.

“Combinaram de se encontrar aqui?”

“Não, ele deve estar entre aquelas pessoas...”

“Então, dá uma olhada.”

Olhaste, um a um, o rosto e o corpo dos cerca de vinte cadáveres alinhados ao longo do corredor. Tinhas que olhar com cuidado para conferir, mas piscaste diversas vezes, pois era difícil fixar os olhos por muito tempo.

“Não está aqui?”

Perguntou, esticando as costas, uma menina mais velha, vestindo uma camisa verde-clara com mangas dobradas até o cotovelo. Pensaste que ela era da mesma idade que a menina de uniforme escolar. Mas, tendo ela abaixado a máscara cirúrgica, seu rosto parecia ter vinte e poucos anos. A pele amarelenta e pálida e o pescoço fino faziam-na parecer um pouco fraca. Porém seu olhar era firme. Sua voz, clara.

“Não está.”

“Já foi aos necrotérios do Hospital Universitário de Jeonnam e do Hospital da Cruz Vermelha?”

“Sim.”

“Por que é você que o está procurando, e não os pais dele?”

“Meu amigo só tem pai, que trabalha em Daejeon, e ele mora num puxadinho da minha casa junto com a irmã mais velha.”

“As ligações interurbanas não estão funcionando hoje também, né?”

“Não, tentei várias vezes.”

“E a irmã do seu amigo?”

“É que ela não voltou desde domingo, e nós dois estávamos procurando por ela. Mas um vizinho falou que o viu apanhar

quando os soldados atiraram ontem aqui na frente.”

A menina de uniforme escolar meteu-se na conversa sem levantar o rosto.

“Será que não está internado porque foi ferido?”

Balançaste a cabeça em resposta.

“Se fosse assim, ele teria achado alguma maneira de ligar. Ele sabe que nossa família ficaria preocupada.”

A menina de camisa verde-clara falou:

“Então venha aqui mais alguns dias. Dizem que, a partir de agora, todos os cadáveres virão para cá. Falaram que não tem lugar nos necrotérios dos hospitais porque há muitos mortos.”

A menina de uniforme limpou com uma toalha molhada o rosto de um jovem com a úvula vermelha exposta devido a um corte causado por baioneta. Com a palma da mão, fechou com força os dois olhos arregalados, enxaguou a toalha na água do balde de lata e a torceu com firmeza. A água com sangue respingou para fora do balde. Levantando-se com o balde, a menina de camisa verde-clara falou:

“Se tiver tempo, poderia nos ajudar, só hoje? Faltam mãos aqui. Não é algo difícil... É só cortar aquele tecido e cobrir os corpos que estão ali. E quando alguém vier procurar um parente, como você, basta mostrá-los, erguendo o pano de cada um. Os rostos estão muito feridos, então é necessário olhar o corpo e a roupa para fazer a identificação.”

A partir daquele dia passaste a fazer parte da equipe delas. Eunsuk era aluna do terceiro ano do colégio Speer, como tinhas imaginado. Sunjoo, a de camisa verde-clara com as mangas dobradas, era costureira de uma alfaiataria que fica na Chungjangro, mas disse que perdera o trabalho de repente porque o casal de proprietários fugiu para a casa de um parente, que fica em Youngam, levando o filho universitário. Ambas disseram que foram ao Hospital Universitário de Jeonnam por terem ouvido, através de uma transmissão de rua, que as pessoas estavam morrendo por falta de sangue, e vieram ao Docheong por terem sabido que estavam precisando de mãos, e assim, na

confusão do momento, acabaram assumindo os cadáveres.

Eras o aluno que sempre sentava na primeira fila na sala de aula, onde as carteiras eram distribuídas por ordem de altura. Desde aquele março em que entraste no terceiro ano do ensino secundário,^[6] no começo da puberdade, tua voz ficou um pouco mais grave e crescestes bastante, mas não tanto para a tua idade. Jinsoo, que veio da sala de situação, te perguntou, surpreso, quando te viu pela primeira vez:

“Você não é do primeiro ano? O trabalho aqui é duro, volte para casa.”

Tu respondeste a Jinsoo, que era bonitinho como uma menina, com os olhos de pálpebra ocidental profunda e de cílios longos, que estudava em Seul e que viera para cá por causa da ordem de fechamento da escola:

“Não, estou no último ano. Não será duro para mim.”

Era verdade. O trabalho não era duro. Sunjoo e Eunsuk estendiam um plástico sobre a madeira compensada ou a tábua de isopor antes de deitar os corpos sobre ela. Depois de lavar o rosto e o pescoço com a toalha molhada e pentear o cabelo desalinhado, enrolavam os corpos com o plástico para bloquear o cheiro. Enquanto isso, registravas no livro o gênero deles, a suposta idade, a roupa e o tipo de sapato, identificando-os com números. Depois que escrevias o mesmo número no papel-jornal, fixando-o com alfinete no peito, cobria-os até o pescoço com o pano branco de algodão e, com a ajuda das meninas, os empurravas para o lado da parede. Jinsoo, que parecia a pessoa mais ocupada no Docheong, várias vezes ao dia se aproximava de ti com passos apressados para escrever as informações pessoais que registraste no livro em um cartaz, que em seguida era afixado no portão do Docheong. Erguias o tecido branco e mostravas os corpos mortos às famílias que haviam visto a informação no portão ou a ouvido de outrem. Quando confirmavam a identidade, afastado, tu esperavas os soluços deles passarem. Os familiares, aflitos, enfiavam algodão no nariz e nos ouvidos dos cadáveres, que tinham sido arrumados às pressas apenas para não parecerem muito injuriados, e os

vestiam com roupas novas e limpas. Após serem vestidos com essas roupas e postos no caixão, teu trabalho incluía registrar os corpos que seriam transferidos para o Sangmuguan.

Nesse processo, uma coisa que não conseguias entender era o fato de as famílias aflitas cantarem o *Aegukga* na breve cerimônia de homenagem feita de maneira informal depois do corpo acomodado no caixão. Colocar a *Taegukgi*^[7] sobre o caixão e amarrá-la firmemente com cordas também era estranho. Por que será que cantam o *Aegukga* para as pessoas que foram mortas pelos soldados? Por que enrolam os caixões com a *Taegukgi*? Como se não fosse a nação que os tivesse assassinado.

Quando, com cuidado, perguntaste isso, Eunsuk respondeu arregalando ainda mais os olhos redondos:

“Foram os soldados que se rebelaram para tomar o poder. Você também viu. Bateram e apunhalaram as pessoas em pleno dia, mas não bastou, atiraram nelas. Foram eles que mandaram fazer assim. Como podemos chamá-los de nação?”

Como se tivesses ouvido uma resposta a uma pergunta totalmente diferente, ficaste confuso. Naquela tarde, muitos corpos foram identificados, mais que o normal, e ocorreram, aqui e ali no corredor, a acomodação dos corpos nos caixões, simultaneamente. Durante o *Aegukga*, cantado como se fosse uma rodada entre soluços, prestaste atenção em silêncio na delicada dissonância gerada pelas passagens que se colidiam. Como se aquilo pudesse te fazer entender o que é a nação.

Enquanto o hino nacional era cantado alternadamente entre soluços, tu, prendendo a respiração, prestavas atenção na sutil dissonância gerada pela colisão das estrofes.

No dia seguinte, junto com as meninas, levaste alguns corpos que exalavam um forte odor para o quintal dos fundos da Sala de Serviço de Petição Civil. Porque não havia mais espaço para alojar os mortos trazidos naquele dia. Jinsoo, que veio da sala de situação com o passo apressado, como sempre, perguntou, surpreso:

“E se chover?”

Jinsoo olhava com uma expressão perturbada para o corredor, sem espaço onde se pudesse pisar, dada a quantidade de cadáveres, e Sunjoo lhe disse, baixando a máscara:

“Está muito apertado aqui, não tem jeito. Virão mais corpos à noite. O que vamos fazer? Como está a situação no Sangmuguan? Tem espaço lá, não?”

Em menos de uma hora, chegaram quatro pessoas enviadas por Jinsoo. Deviam vigiar algum lugar, porque portavam armas nos ombros e usavam os capacetes deixados para trás pela polícia militar. Enquanto eles carregavam no caminhão os cadáveres do quintal e do corredor, tu e as meninas guardaram os equipamentos. Ao seguir o primeiro caminhão que partia, andaste lentamente em direção ao Sangmuguan. A manhã estava ensolarada. Ao passar pelas nogueiras ainda jovens, seguraste e largaste sem motivo um galho que desceu sobre tua testa. Eunsuk, que caminhava à frente, entrou no Sangmuguan primeiro. Quando entraste logo depois, ela segurava luvas de algodão com manchas enegrecidas de sangue e observava os caixões ao redor, que abarrotavam o auditório. Sunjoo chegou em seguida e, dando um passo mais adiante, com um lenço que prendia com firmeza o cabelo que lhe caía sobre os ombros, disse:

“Lá, eu não sabia, porque apenas os estávamos enviando para fora... mas vendo-os todos juntos nesse lugar, são muitos.”

Notaste os familiares aflitos sentados tão juntos que seus joelhos encostavam uns nos outros. Sobre os caixões que eles velavam foram postos os retratos emoldurados dos defuntos. Ao lado de um caixão, à altura da cabeça, foram colocada duas garrafas de Fanta. Em uma delas havia um ramo de flores brancas selvagens, e, em outra, uma vela.

Naquela noite, quando perguntaste a Jinsoo se ele poderia conseguir uma caixa de velas, ele assentiu de bom grado com a cabeça e respondeu:

“Sim. Se acendermos velas, o cheiro deve sumir, né?”

Pano de algodão, caixão de madeira, papel-jornal ou uma

bandeira coreana, fosse o que fosse, quando pedias algo que era necessário, Jinsoo anotava no caderno e providenciava dentro de um dia. Ele disse a Sunjoo que, todas as manhãs, fazia compras na feira de Daein ou Yangdong, e se não conseguia encontrar algo nas feiras, procurava em carpintarias, agências funerárias e lojas de tecido. Disse que não tinha muita dificuldade para arranjar as coisas, pois muitas pessoas permitiam que as levasse por um preço bastante baixo, ou mesmo de graça, quando ele falava que viera do Docheong, e, além disso, havia sobrado muito do dinheiro que fora doado no protesto. Disse também que haviam acabado os caixões na cidade e que estavam produzindo novos nas carpintarias, utilizando as chapas de madeira que conseguiam. Na manhã em que Jinsoo deixou cinco caixas de cinquenta velas e fósforos, andaste por todos os cantos do prédio principal e do anexo, recolhendo as garrafas de refrigerante para usá-las como castiçais. Quando, ao acender as velas uma a uma, em pé diante da mesa de entrada, tu as colocavas nas garrafas de vidro, as famílias aflitas as levavam e as posicionavam diante dos caixões. Havia muitas velas, de modo que podias iluminar até os caixões que não eram velados por nenhum familiar e mesmo os corpos não identificados.

Todas as manhãs chegavam novos caixões ao Sangmuguan, onde ficava o altar memorial coletivo. Eram das pessoas que morreram mesmo recebendo tratamento nos grandes hospitais. Quando os familiares aflitos traziam um caixão, carregando-o em uma carreta, com os rostos brilhando, não se sabe se de suor ou de lágrimas, abriam espaço e estreitavam a distância entre os caixões.

À noite, chegavam os corpos que haviam sido atingidos em confronto com o exército da lei marcial nas zonas periféricas. Eram pessoas que tinham morrido na hora, no tiroteio, ou a caminho do pronto-socorro. O aspecto dos recém-mortos era muito vívido, e Eunsuk corria para fora do auditório e vomitava, interrompendo seu trabalho de recolocar os intestinos que transbordavam infindavelmente do interior dos abdômes. Sunjoo, que havia dito que seu nariz facilmente sangrava,

inclinava a cabeça para trás de vez em quando e olhava para o teto do auditório enquanto pressionava o dorso do nariz por sobre a máscara cirúrgica.

Comparado com o delas, teu trabalho ainda não era duro. Tal como na Sala de Serviço de Petição Civil, escrevias a data e a hora da morte no livro, e registravas a aparência física dos mortos. Recortavas com antecedência os panos de algodão em tamanho adequado e preparavas as folhas de papel-jornal com alfinete para poder escrever os números, quando necessário. Amiúde, aproximavas os cadáveres não identificados ou os caixões e abrias espaço para os novos corpos que estavam para chegar. À noite, quando o número dos mortos excedia o normal e nem sequer havia tempo para encontrar lugares ou abrir espaço, deixavas os caixões grudados uns nos outros de modo desordenado. Naquela noite, ao se atentar de repente para o aspecto das pessoas mortas que abarrotavam o auditório, ocorreu-te que parecia uma multidão que tinha combinado de se reunir ali. Andavas apressado, com o livro embaixo do braço, entre a multidão que não gritava, nem se movia, nem dava as mãos, e que só emanava um miasma pungente.

Vai chover muito mesmo.

Pensaste, inspirando fundo após sair do auditório. Ao andar em direção ao pátio dos fundos para inspirar um ar mais quente, ocorreu-te que não podias te afastar muito e paraste na esquina do prédio. Ouvia-se a voz de um jovem com o microfone.

“Não podemos entregar as armas e nos render como eles ordenam. Primeiro, eles têm que devolver os nossos mortos. Têm, também, que soltar as centenas de cidadãos que prenderam. Acima de tudo, precisamos conseguir que prometam que vão esclarecer a verdade do que está acontecendo aqui para o país inteiro e recuperar a nossa honra. O certo não seria entregar as armas só depois disso, pessoal?”

Parece-te que o barulho das pessoas gritando “uaaa” e batendo palmas diminuiu consideravelmente. Lembras do protesto que ocorreu no dia seguinte à retirada dos soldados.

Havia pessoas espremidas até o terraço do Docheong e sobre a torre do relógio. Nas ruas axadrezadas, por onde não passavam carros, milhares de pessoas, ondulando como uma enorme maré, ocupavam todos os lugares, exceto aqueles em que estavam os prédios. Construindo eternamente o pagode com centenas de milhares de andares, elas cantaram o *Aegukga*. Bateram palmas como se soltassem centenas de milhares de fogos de artifício, sucessivamente. Ouviste a conversa entre Jinsoo e Sunjoo ontem pela manhã. Ele falou, com uma expressão séria, que circulava um boato de que, quando os soldados retornassem, matariam todos os cidadãos e que o protesto estava encolhendo por causa do medo. “Acredito que, quanto mais fôssemos, menos eles poderiam agir de qualquer jeito... Tenho um mau pressentimento. Embora o número dos caixões aumente, as pessoas saem cada vez menos de casa.”

“Derramamos sangue demais, não? Como podemos cobrir esse sangue sem fazer nada? Os espíritos que se foram primeiro estão nos observando com os olhos abertos.”

Ao fim, a voz do homem falha. Como a palavra sangue, repetida, sufoca teu peito por alguma razão, abres a boca outra vez e respiras fundo.

Como que um espírito nos olha com os olhos abertos se ele não tem corpo?

Lembras do momento da morte de sua avó materna no inverno passado. Ela ficara internada por quase duas semanas porque uma gripe leve virara uma pneumonia. No sábado à tarde, depois de terminar a prova final do semestre, com o coração leve, tu a visitaste no hospital junto com tua mãe. O estado dela agravou-se de repente, e tu e tua mãe acompanhastes sua última hora, enquanto o casal de tios chegava apressado de táxi.

Quando criança, ias à casa dela. Até onde lembras, ela sempre estava com o corpo dobrado como a letra *guiyeok*,^[8] e caminhava à sua frente após falar com calma: “Vem comigo”. Tu a seguias e entravas no quartinho escuro usado como armazém. Sabias que ela abriria a porta do armário e pegaria *yugua* e *gangjung*^[9] que tinha guardado para usar no ritual ancestral. Quando tu sorrias

de leve ao receber o *yugua*, ela também sorria, apertando os olhos. Assim como o temperamento manso dela, também foi calmo o momento de sua morte. Estavas de pé, perplexo, olhando para o rosto enrugado que se tornara um cadáver em um instante, sem saber para onde tinha ido aquilo que era como um passarinho.

Os espíritos das pessoas que estão agora no Sangmuguan também teriam partido do corpo de repente como passarinhos? Onde estão esses passarinhos assustados? Não pensaste que tinham voado para lugares exóticos, como o paraíso ou o inferno, como tinhas ouvido na aula bíblica à qual foste com amigos para comer ovos de Páscoa. Tampouco pensaste que eles vagavam na névoa usando roupa branca, com o cabelo revoltado, como na novela histórica que causava medo de propósito.

Tuduk, gotas de chuva caem sobre teu cabelo curto. Quando levantas a cabeça, caem muitas nas bochechas e na testa também. Em um instante, a chuva derrama-se, grossa.

O homem com o microfone grita depressa:

“Sentem-se, pessoal, por favor. A cerimônia de homenagem ainda não acabou. Essa chuva são as lágrimas que escorrem dos espíritos das pessoas que se foram primeiro.”

A água fria da chuva, ao entrar pela gola do teu uniforme da escola, molha por dentro a camisa que vestes, escorrendo até a cintura. Lágrima de espírito é fria. Sentes um arrepio nos braços e nas costas. Voltas correndo para o beiral da entrada, abrigado da chuva. As árvores na frente do Docheong fazem a chuva respingar com força. Agachado no fundo da escada, pensas na aula de biologia que tiveste um tempo atrás. Sentes como se fosse de outro mundo ter aprendido sobre a respiração das plantas no quinto horário, quando os raios de sol chegavam sonolentos. Foi dito que as árvores respiram só uma vez por dia. Foi dito que, quando o sol nasce, elas inspiram longamente a luz solar, e quando o sol se põe, expiram longamente o dióxido de carbono. A chuva está se derramando sobre a boca e o nariz das árvores, que inspiram o longo fôlego com muita paciência.

Se esse outro mundo tivesse permanecido, terias feito a prova

do meio do semestre. Como hoje seria o domingo posterior à prova, terias dormido até tarde e jogado badminton com Jungdae no quintal. Assim como não te parece real essa última semana, tampouco te parece real o tempo daquele outro mundo.

Era domingo quando saíste de casa sozinho para comprar um livro de exercícios na livraria em frente à escola. Desceste a trilha à beira do riacho por medo dos soldados armados que haviam enchido as ruas de repente. Um homem de terno, segurando uma Bíblia e um hinário, e uma mulher de vestido azul-marinho, parecendo recém-casados, vinham do outro lado. Ouviam-se, por vezes, gritos agudos provenientes das ruas de cima, e três soldados com armas nos ombros e cassetetes nas mãos desceram do morro e cercaram o jovem casal. Pareciam ter vindo atrás de outras pessoas.

“O que estão dizendo? Para a igreja, nós estamos...”

Antes de o homem de terno acabar de falar, viste o que é o braço humano. Viste o que eram capazes de fazer as mãos humanas, os quadris humanos, as pernas humanas. “Socorro”, gritou o homem ofegante. Até que os pés trepidantes do homem se acalmassem, eles não pararam de surrá-lo com cassetetes. Não sabes o que aconteceu com a mulher, que, ao lado, não parava de gritar e que foi agarrada pelos cabelos, pois subiste engatinhando o morro à beira do riacho, teu queixo tremia, e entraste na rua onde uma cena ainda mais inesperada se passava.

Assustado, ergues a cabeça. Uma mão tocou teu ombro direito. É a mão de um espírito frágil, como se a ponta dos dedos estivesse envolvida em várias camadas de pano de algodão frio.

“Dongho!”

Eunsuk, com os cabelos trançados molhados, o casaco branco e as calças jeans encharcadas até a bainha, sorri, abaixando-se em tua direção.

“O que houve para você se assustar tanto?”

Com o rosto pálido, sorris vagamente em resposta. *Bom, espírito não deve ter mãos.*

“Tentei vir mais cedo, mas, como está chovendo, me senti

mal de levantar. Estava com medo que os outros também saíssem se eu partisse. Aqui foi tranquilo?”

“Não apareceu ninguém.”

Respondes, sacudindo a cabeça:

“E não tinha ninguém passando.”

“Lá também. Não foi muita gente.”

Eunsuk se senta agachada ao teu lado. Tira um *castella*^[10] e um Yakult do bolso do casaco.

“As mulheres da igreja estavam distribuindo e eu peguei para você também.”

Não tinhas percebido que estavas com fome, mas rasgas a embalagem apressadamente. Dás uma grande mordida no *castella*. Eunsuk remove a tampa de alumínio de Yakult e te entrega.

“A partir de agora vou ficar por aqui. Vai para casa e troca de roupa. Acho que as pessoas que precisavam passar por aqui já vieram todas.”

“Eu nem tomei muita chuva. Vai você, para trocar de roupa.”

Respondes, mastigando o *castella*. Bebes Yakult para conseguir engolir.

“Você está com bastante cheiro de suor. Já faz tempo que dorme e come aqui no Docheong.”

As tuas bochechas ficam vermelhas. Sempre que lavavas o rosto no banheiro do anexo, fazia o mesmo com o cabelo. Por medo de que o fedor de cadáver se impregnasse no teu corpo, lavavas também o corpo, à noite, batendo os dentes. Mas parece não ter adiantado.

“Ouvi na reunião que o exército da lei marcial vai entrar hoje à noite. Volte para casa e não venha mais aqui.”

Eunsuk move a cabeça de repente. Parece que o cabelo faz cócegas na sua nuca. Observas, em silêncio, o movimento de sua mão para pegar os cabelos soltos e molhados com a ponta dos dedos e os retirar de dentro da gola do casaco. Seu rosto, que era gordinho e fofinho quando a viste pela primeira vez, emagreceu em poucos dias. Ao observar com atenção, notaste que o entorno dos olhos dela está enegrecido e encovado. Olhando com

atenção o entorno dos olhos dela, enegrecido e encovado, pensas: O passarinho que parte quando a pessoa morre, em que parte do corpo ele fica quando a pessoa está viva? Será que é no meio das sobrancelhas franzidas, atrás do topo da cabeça, como uma auréola?

Como se não tivesses ouvido o que ela disse por último, falas, empurrando o resto do bolo na boca:

“O certo é a pessoa que tomou chuva trocar de roupa. Qual é o problema de se cheirar um pouco a suor?”

Ela tira mais um Yakult do bolso do casaco.

“Alguém está tentando roubá-lo? Come devagar. Ia dar esse para Sunjoo.”

Tu pegas sem hesitar. Sorris brevemente, removendo a tampa de alumínio com as unhas.

Sunjoo não é o tipo de pessoa que se aproxima secretamente e toca teu ombro em silêncio. Ela vem caminhando e, de longe, já chama teu nome com a voz clara. Quando está perto, pergunta: “Não tem ninguém? Você estava sozinho até agora?”. E, de súbito, estende a mão segurando um *kimbap*^[11] envolto em papel-alumínio. Sentada ao teu lado na escada, come contigo, observando a chuva, que diminui aos poucos.

“Seu amigo, ainda não o achou?”

Ela pergunta como se, indiferente, lançasse uma leve indagação. Balanças a cabeça, e ela prossegue:

“Se você não o achou até agora, é possível que os soldados o tenham enterrado em algum lugar.”

Para o *kimbap*, que engoliu sem água, descer bem, esfregas o peito com a palma da mão.

“Eu também estava lá naquele dia. Os soldados levaram os que foram atingidos na linha de frente, carregando-os no caminhão.”

Interrompendo as palavras descuidadas que pareciam continuar saindo de sua boca, dizes:

“Sunjoo, você também tomou chuva. Vá para casa. Eunsuk foi trocar de roupa também.”

“Para quê? Vou ficar toda molhada de suor de novo, trabalhando à noite.”

Ela dobra o papel-alumínio diversas vezes, até que fique do tamanho de um dedo mindinho, e olha para a chuva. De perfil, seu rosto parece tão calmo e firme que te dá vontade de perguntar alguma coisa.

As pessoas que ficarem aqui hoje vão morrer de verdade?

Hesitas, em vez de perguntar. *Se parece que vão morrer muitas pessoas, por que não esvaziam o Docheong e não fogem todos? Por que uns ficam e outros vão embora?*

Ela joga no canteiro o pedaço de papel-alumínio que estava segurando. Olhando a palma vazia, esfrega com força os dois olhos, as bochechas e até a testa e as orelhas, como se tentasse se livrar do cansaço.

“Meus olhos estão se fechando mesmo sem eu fazer nada. Vou para o anexo. Cochilar um pouco. Secar a roupa também.”

Ela sorri, revelando seus dentinhos. Fala com um tom reconfortante:

“Desculpe, mas eu vou ter que deixar você aqui de castigo de novo.”

Talvez Sunjoo esteja certa. Talvez os soldados tenham enterrado Jungdae em algum lugar. Mas talvez a mãe esteja certa também. Talvez Jungdae esteja recebendo tratamento em algum hospital e não está conseguindo ligar para casa por ainda estar inconsciente. Quando a mãe veio para te levar junto com o irmão do meio ontem de tarde, insististe que não podias voltar para casa porque tinhas que achar Jungdae, e a mãe respondeu: “É para procurar nas UTIs primeiro. Vamos visitar todos os hospitais juntos”.

A mãe agarrou a manga do teu uniforme da escola.

“Sabe o quanto que me assustei quando vieram me dizer que o tinham visto aqui? Meu Deus do céu! Tem muito corpo aqui. Você nem tem medo? Seu medroso.”

Meio sorrindo, falaste:

“São os soldados que me dão medo, não as pessoas mortas.”

O irmão do meio ficou rigorosamente sério. Era o irmão que só estudava e sempre era o primeiro da turma, desde pequeno, mas estava se preparando para o vestibular pela terceira vez porque não passara nas outras. Parecido com o pai, pois tem o rosto grande e a barba espessa, ele aparenta ser mais velho do que é, como se fosse de meia-idade, mesmo que tenha apenas vinte e um anos.^[12] O irmão mais velho, que trabalha em Seul como funcionário público de nono grau, pelo contrário, tem um rosto mais bonitinho e um corpo menor, tanto que, quando os três estavam juntos nas férias, ao voltar para casa, todos pensavam que o irmão do meio era o primeiro filho.

“Você acha que as tropas de elite do exército da lei marcial, que têm metralhadoras e tanques, não entram aqui com medo do exército civil, que tem carabinas que eram usadas na Guerra da Coreia? Eles só estão esperando a data da operação. Todo mundo que ficar aqui vai morrer.”

Afastando-te um passo, pelo medo de levar um beliscão do irmão do meio, falaste:

“O que eu fiz para morrer? Só ajudei em algumas coisinhas aqui.”

Tu te livraste da mão da mãe, puxando o braço para baixo com força.

“Não se preocupe, volto daqui a poucos dias, após dar uma mão aqui. Depois de achar Jungdae.”

Acenando sem jeito com a mão, entraste correndo no Sangmuguan.

O céu, que clareava aos poucos, tornou-se brilhante de repente. Levantas e saís pelo lado direito do prédio. Vês a praça vazia, agora que a multidão se dissipou. As famílias aflitas vestindo roupa preta e branca estão em pé, reunidas em grupos de três ou cinco em frente à fonte. Vês os meninos colocando no caminhão os caixões que estavam sob o palco. Tuas pálpebras, apertadas para reconhecer quem é quem, tremem em meio à luz. O espasmo das pálpebras se espalha até as bochechas.

Quando conheceste as meninas, havia algo que não era

verdade no que tinhas dito.

No dia em que os cadáveres dos dois homens atingidos em frente à estação de trem foram carregados em uma carroça entre as primeiras filas de manifestantes, na praça onde havia se formado uma grande multidão de velhos com chapéu, crianças com cerca de dez anos, mulheres com guarda-sóis coloridos, quem viu Jungdae pela última vez foste tu mesmo, não um vizinho.

Ao som agudo dos tiros, todos se viraram e começaram a correr. “É cartucho sem bala! Está tudo bem!” Ao grito de alguém, em meio à barafunda de um grupo de pessoas que tentava voltar para a fila da frente, perdeste a mão de Jungdae. Quando o barulho dos tiros espoucou mais uma vez, correste, deixando para trás Jungdae, que caiu. Paraste, colado à parede de uma loja de produtos eletrônicos que estava com a porta metálica fechada, junto a três homens. Outro homem, que parecia pertencer ao mesmo grupo, correu para se juntar a eles e tombou, jorrando sangue no ombro.

“Meu Deus, é lá no terraço!”

Murmurou, arfando, o homem meio careca que estava ao teu lado.

“Atiraram no Youngkyu do terraço.”

Do terraço do prédio ao lado, novamente soaram tiros. As costas do homem cambaleante, que tentava se levantar, trepidaram. O sangue, que se espalhou a partir da barriga, lhe cobriu o torso em um instante. Olhaste para o rosto dos homens ao teu lado. Ninguém falou. O homem meio careca tremeu, sem fazer ruído, tampando a boca.

Olhaste com os olhos apertados para as dezenas de pessoas caídas no meio da rua. Pensaste ter visto brevemente a calça azul-clara de um uniforme de ginástica igual a que vestias. Pensaste ter visto um pé descalço se contorcer.

No momento em que ias lançar-te, correndo, o homem que tremia tampando a boca te segurou pelo ombro. No mesmo instante, três jovens correram, saindo do beco ao lado. Quando

tentaram levantar as pessoas caídas, colocando as mãos sob seus braços, estourou uma sequência de tiros por parte dos soldados que estavam na praça principal. Os jovens caíram, abatidos. Olhaste para o beco largo do outro lado da rua. Uns trinta homens e mulheres, grudados nas paredes de ambos os lados, olhavam para aquela cena como se estivessem congelados.

Uns três minutos depois que cessou o barulho dos tiros, um homem particularmente baixo correu, sem parar, do beco do outro lado. Correu com toda sua força em direção a uma das pessoas caídas. Quando os tiros soaram novamente e ele caiu, o homem que ainda te segurava disse, tapando teus olhos com a palma das mãos grossas:

“Se você sair agora, vai morrer de graça.”

No momento em que ele tirou as mãos dos teus olhos, viste que dois homens que estavam no beco correram, como se atraídos por um ímã, em direção a uma mulher caída, e levantaram-na, segurando-a pelos braços. Dessa vez, os tiros soaram do terraço. Os homens foram abatidos. Ninguém mais correu até as pessoas caídas.

Passados aproximadamente dez minutos de silêncio, cerca de vinte soldados saíram de suas fileiras, andando em duplas. Começaram a levar as pessoas caídas na parte da frente, arrastando-as com agilidade. Como se esperassem por esse momento, cerca de dez pessoas do beco ao lado e do beco do outro lado correram para as pessoas caídas na parte detrás e as carregaram nas costas. Dessa vez não houve tiros do terraço. Mas não correste para Jungdae, como eles. Os homens que estavam do teu lado carregaram as pessoas de seu grupo nas costas e desapareceram rapidamente pelos becos. Deixado ali sozinho de repente, aterrorizado, andaste depressa, apoiando-te na parede com as costas voltadas para a praça, pensando apenas em quais lugares estariam fora da vista dos atiradores.

Naquela tarde, a casa estava quieta. A mãe foi à loja de couro na feira Daein, mesmo no tumulto. O pai, que tinha machucado as costas havia um tempo ao carregar caixas de tecido de couro,

estava deitado no quarto principal. Ao entrares no pátio empurrando com força o portão de ferro que estava fechado, ouviste o irmão do meio decorando palavras em inglês em seu quarto.

“É o Dongho?”

A voz sonora do pai soou do quarto principal.

“O Dongho voltou?”

Não respondeste.

“Dongho! Venha pisar nas minhas costas.”

Fingindo não ouvir, foste ao canteiro e bombeaste água. Encheste a bacia de alpaca com a água fria e clara. Primeiro colocaste as duas mãos na água e, em seguida, o rosto. Ao levatares a cabeça, a água escorreu pelo rosto e pelo pescoço.

“Dongho! Não é o Dongho aí fora? Venha aqui!”

Colocando nas pálpebras as palmas das mãos, das quais a água ainda escorria, ficaste em pé por algum tempo em cima do degrau de pedra. Tiraste o tênis, atravessaste a sala de piso soalhado e abriste a porta do quarto principal. O pai estava deitado de bruços no cômodo tomado pelo odor da fumaça da moxabustão.

“Torci de novo há pouco, não consigo me levantar. Pisa um pouco aqui no lado da bunda.”

Tiraste as meias. Colocaste o pé direito abaixo do quadril do pai e o pressionaste com mais ou menos a metade do peso do teu corpo.

“Por onde você andou? Sabe quantas vezes sua mãe ligou para perguntar se você voltou? Não pode ir perto do protesto. Disseram que houve tiros na nova estação do trem à noite e umas pessoas morreram... Não faz sentido. Como seria possível competir com armas de mãos vazias?”

Pisaste com cuidado entre a coluna e o sacro do pai, trocando os pés com o movimento de costume.

“Isso, sim, aí, é aí mesmo... Acertou o ponto!”

Saíste do quarto principal e entraste no teu, que fica ao lado da cozinha. Deitaste no chão forrado de papel, enrolando o dorso

como uma bola. Passados alguns minutos após ter sido absorvido pelo sono, como se tiveste desmaiado, abriste os olhos de repente, por causa de um pesadelo do qual não consegues lembrar. O mundo real, mais temível que o sonho, estava à tua espera. É claro que não se ouve nenhum sinal de ninguém no quarto de Jungdae, no puxadinho. Não será diferente quando anoitecer. A luz não será ligada. A chave permanecerá firmemente imóvel dentro do jarro ao lado do degrau de pedra.

No silêncio, recordaste o rosto de Jungdae. No momento em que lembraste da calça azul-clara do uniforme de ginástica se contorcendo, não conseguiste respirar, como se uma massa de fogo tivesse entupido a boca do teu estômago. Para respirar, pensaste no Jungdae de todo dia. Pensaste no Jungdae que ia entrar pelo portão como se nada tivesse acontecido. O Jungdae que ainda não cresceu, como se ainda fosse um aluno do ensino primário. O Jungdae que, por isso, toma leite todo dia, fazendo sua irmã Jungmi comprar leite mesmo em condições apertadas. O Jungdae que é tão feio que se suspeita se é mesmo irmão de sangue de Jungmi. O Jungdae com seus olhos de casas de botão e seu nariz reto. O Jungdae que ainda assim tem um charme gracioso, que faz qualquer um sorrir só por sorrir, franzindo aquele nariz. O Jungdae que fez até o professor rigoroso estourar de rir ao dançar disco, enchendo as bochechas como baiacu no dia do piquenique. O Jungdae que quer ganhar dinheiro mais que estudar. O Jungdae que faz a preparação da prova para entrar no ensino secundário acadêmico obrigado, por causa da irmã. O Jungdae que trabalha com a cobrança de jornal escondido da irmã. O Jungdae cujas bochechas ruborizadas ficam rachadas desde o início do inverno e que tem uma verruga feia no dorso da mão. O Jungdae que, quando joga badminton contigo no quintal, só faz cortada de bola se achando um membro da seleção nacional.

O Jungdae que pôs o apagador do quadro-negro na mochila com audácia. “Para que o leva?” “Para dar à minha irmã.” “O que sua irmã vai fazer com isso?” “Sei lá, falou que lembrava dele várias vezes. Que fazer o dever semanal^[13] era mais divertido que

estudar no ensino secundário. Disse que uma vez os colegas escreveram um monte de letras no quadro-negro no Dia da Mentira. Acharam que o professor solteiro passaria por um aborrecimento ao ter que apagá-las, mas ele chamou, gritando, o responsável pelo dever semanal, e a minha irmã teve que apagar tudo. Enquanto todo mundo estava na aula estudando, ela desempouou o apagador com a vara, deixando a janela aberta. Disse que se lembra disso mais que de outras coisas dos dois anos que frequentou o ensino secundário.”

Apoiando-te no chão com as duas mãos, tu levantaste. Arrastando os chinelos, atravessaste o pequeno quintal e paraste na frente do puxadinho. Ao tatear dentro do jarro profundo, em que se entra até o ombro, pegaste as chaves e chacoalhaste embaixo dos martelos. Abriste a fechadura, tiraste os chinelos e entraste no quarto.

Não havia sinal de que alguém tivesse passado por ali. O caderno no qual escreveram, na noite de domingo, os possíveis lugares aonde Jungmi poderia ter ido, a fim de confortar Jungdae, que estava com os olhos cheios de lágrimas, ainda estava aberto do mesmo jeito em cima da mesinha. A escola noturna, a fábrica, a igreja, aonde ia de vez em quando, a casa do tio no Ilkokdong. A partir do dia seguinte, começaste a visitar esses lugares para procurá-la, junto com Jungdae, mas Jungmi não estava em nenhum desses locais.

Em pé no meio do quarto vazio e na penumbra, tu esfregaste as pálpebras secas com o dorso das mãos. Sentaste um pouco na frente da mesinha de Jungdae e depois deitaste de bruços, encostando o rosto no chão frio. Apertaste com o punho o lugar côncavo do meio dos ossos peitorais onde se sente dor. Se Jungmi entrasse pelo portão agora, de repente, sairias correndo e te ajoelharias. Pedirias para ir junto até a frente do Docheong para procurar Jungdae. *Você pode se chamar de amigo depois disso? Pode se chamar de gente ainda?* Levarias as pancadas que Jungmi desse, fossem quantas fossem. Pedirias desculpas, levando pancadas.

Jungmi, de vinte anos, também é baixa. Parece uma estudante de ensino secundário ou dos últimos anos de ensino primário quando vista de costas, por causa do cabelo curtinho. Mesmo de frente, sem maquiagem, lembra uma estudante mais ou menos do primeiro ano do colegial. Parece que sabe disso, então sempre faz uma maquiagem leve. Como trabalha em pé, seus pés devem inchar, mas mesmo assim sempre calça os sapatos com salto alto na hora de ir e voltar do trabalho. É uma pessoa que tem os passos leves e a voz baixa, sendo impossível imaginá-la explodindo de raiva, muito menos batendo em alguém. Mas Jungdae disse, deixando-te espantado: “As pessoas não sabem. A minha irmã é muito mais rigorosa do que meu pai”.

Passados dois anos, desde que tinham alugado o puxadinho, ainda não tinhas conversado com Jungmi de verdade. A fábrica de fiação onde ela se empregara exigia trabalho noturno com frequência. Como Jungdae também voltava tarde para casa por causa do trabalho de cobrança — mentiu para a irmã que ia à biblioteca —, no primeiro inverno, o fogo de briquete de carvão sempre se apagava no puxadinho. Nas noites em que voltava mais cedo que o irmão, Jungmi, de vez em quando, batia na porta do teu quarto do lado da cozinha, com calma. Com o rosto exausto e o cabelo curto ajeitado atrás da orelha, abria a boca com dificuldade: *É que o fogo de briquete de carvão...* Cada vez que isso acontecia, corrias para a escada prontamente, sem nem vestir o casaco. Ao entregar o briquete de carvão acendido junto com o atiçador, ela ficava sem jeito, muito agradecida.

Foi no início do inverno do ano passado que tiveste uma longa conversa com Jungmi pela primeira vez. Jungdae jogara a mochila da escola em casa e ainda não tinha voltado do trabalho de cobrança. Tu rapidamente identificaste o som de Jungmi batendo na porta do quarto. O som de bater com calma, como se temesse algo, com as pontinhas dos dedos que pareciam envolvidas em várias camadas de pano frio e macio. Ela te perguntou, quando abriste a porta com rapidez:

“Por acaso, você jogou fora todos os livros didáticos do primeiro ano?”

“Do primeiro ano?”

Quando perguntaste em resposta, ela disse, hesitante, que tinha resolvido frequentar a escola noturna a partir de dezembro. “Dizem que o mundo mudou e não podem obrigar abusivamente o trabalho extra a partir de agora. Para aproveitar, vou tentar estudar. Mas passou muito tempo, então vou revisar os conteúdos do primeiro ano... e acho que posso estudar os do segundo ano quando Jungdae entrar em férias escolares.”

Respondeste que ela esperasse um pouco e subiste ao sótão. Quando apareceste abraçando alguns livros didáticos e livros de exercícios empoeirados, os olhos de Jungmi se arregalaram.

“Meu Deus... Que menino responsável você é! O meu Jungdae já jogou tudo fora.”

Abraçando os livros, ela pediu várias vezes:

“Não fale para Jungdae. Já fica se culpando por eu não ter conseguido estudar na escola por causa dele. Faça de conta que não sabe, só até eu passar no exame de qualificação para o ensino secundário, por favor.”

Olhaste aparvalhado para o rosto dela, que sorria com os olhos como se neles brotassem várias flores.

“Quem sabe? Depois que Jungdae entrar na faculdade, eu estudo muito e entro na faculdade também.”

Na época, ficaste curioso sobre como ela conseguiria estudar escondida. Com aquelas costas pequenas, se abrisse os livros, daria para se esconder no quartinho que nem chega a ter sete metros quadrados? Ainda mais porque, em geral, Jungdae não dorme cedo e fica fazendo a lição de casa.

Tinhas ficado curioso assim apenas por um momento, mas, desde então, lembravas repetidas vezes as mãos gordinhas que abririam os teus livros didáticos perto da cabeça de Jungdae, adormecido. As palavras que decorava, mexendo ligeiramente os lábios pequenos. *Meu Deus... Que menino responsável você é!* Os olhos risonhos. O sorriso exausto. O som de bater na porta com as pontinhas dos dedos, como se estivessem envolvidas em várias camadas de pano frio e macio. Não conseguias dormir profundamente à noite com o coração pungente por causa

daquelas coisas. Quando escutavas o som dela caminhando, bombeando água e lavando o rosto na madrugada, engatinhavas até o lado da porta com o cobertor enrolado no corpo e ouvias com os olhos fechados, bêbado de sono.

O segundo caminhão, carregando muitos caixões na caçamba, para na frente do Sangmuguan. Com os olhos ainda mais estreitados por causa da luz do sol, vês Jinsoo descer do banco do lado do motorista.

“Aqui fecha às seis. Volte para casa quando fechar.”

Tu perguntas, gaguejando:

“Quem vai vigiar os corpos lá dentro, então?”

“Hoje à noite, entram os soldados. Vamos mandar todas as famílias aflitas embora também. Ninguém deve estar aqui depois das seis horas.”

“Só tem pessoas mortas aqui, os soldados vêm mesmo até aqui?”

“Falam até em matar as pessoas feridas nos hospitais por as considerarem rebeldes, acha que vão deixar em paz esses cadáveres e as pessoas que os guardam?”

Ele entra no auditório passando por ti com passos firmes, como se estivesse bravo. Parece que falará a mesma coisa para as famílias aflitas. Abraçando o livro com capa de papelão preta no peito, como se fosse um tesouro, tu observas Jinsoo de costas. Vês o cabelo molhado, a camiseta e a calça jeans dele, os perfis dos familiares aflitos que meneiam ou inclinam a cabeça. Ouves a voz aguda e trêmula de uma mulher.

“Eu não vou de jeito nenhum, nem um passo. Vou morrer aqui mesmo com minha criança.”

Olhas repentinamente para os corpos que ainda não foram identificados e que estão deitados e cobertos com o pano de algodão até o topo da cabeça no fundo do auditório. Não consegues tirar os olhos do corpo do canto. No momento em que viste aquela pessoa pela primeira vez no corredor da Sala de Serviço de Petição Civil, lembraste de Jungmi. O rosto que já tinha começado a se decompor era difícil de identificar por estar

cortado por um punhal. Mas te lembravas algo. Pensaste também tê-la visto com uma saia plissada semelhante.

Mas aquela saia com estampa de bolinhas não é muito comum? Não a viste com certeza sair vestida com aquele mesmo tipo de saia no domingo? Será que o cabelo de Jungmi era tão curto assim? Não são só as alunas de ensino secundário que usam aquele tipo de cabelo curto? Para que Jungmi, extremamente frugal, pintou as unhas dos pés se nem é verão? Mas tu nunca tinhas visto os pés dela direitinho. Jungdae deve saber se ela tinha uma pinta preto-azulada do tamanho de um feijão em cima do joelho. Tens que achar Jungdae para confirmar que aquela pessoa não é Jungmi.

Entretanto, por outro lado, tens que achar Jungmi para encontrar Jungdae. Jungmi procuraria em todo o recanto de todos os hospitais dentro da cidade e acharia Jungdae, que teria acabado de recobrar a consciência na sala de recuperação. Como naquela vez, em fevereiro, que ela o achou dentro de um dia e voltou puxando a orelha de Jungdae, que tinha fugido de casa insistindo que preferiria morrer a entrar no ensino secundário acadêmico e que ingressaria na única turma de preparação para o colegial técnico. A mãe e o irmão do meio estouraram de rir vendo Jungdae quebrantado por aquela pessoa tão pequena e quieta. Mesmo teu pai, taciturno, fingiu uma tosse para dissimular o riso. Naquele dia, até a meia-noite ouvia-se a conversa entre os irmãos no puxadinho.

Uma voz baixa elevava-se, enquanto alguém tentava persuadir o outro com um tom carinhoso, e logo alguém elevava a voz novamente, enquanto o outro tentava apaziguar, com calma, e chegaste a não conseguir diferenciar os sons de briga, apaziguamento e riso baixo dos dois, até que adormeceste sem querer no teu quarto ao lado da cozinha.

Agora estás sentado em frente à mesa da entrada do Sangmuguan.

Pousando o livro aberto no lado esquerdo da mesa, transcreves, com letras graúdas, o nome, o número de série, o

número de telefone ou o endereço dos mortos nas folhas de papel-jornal A4. Pois Jinsoo havia dito que deverias deixar tudo pronto para poder entrar em contato com os familiares aflitos imediatamente, no caso de todo o exército civil de fato morrer essa noite. Tens de te apressar para poder organizar e colar tudo nos caixões, sozinho, antes das seis.

“Donghooo!” Ao te chamarem, levantas a cabeça.

A mãe está vindo por entre os caminhões. Dessa vez, está sozinha, sem o irmão do meio. Está vestida com a camisa cinza que usa como uniforme quando vai trabalhar na loja e com a calça preta frouxa. A única coisa diferente do de costume é o fato de que o cabelo curto, sempre arrumado, está bagunçado e molhado de chuva.

Alegremente, levantas sem te dares conta, desces a escada correndo e estacas. A mãe sobe depressa a escada e segura a tua mão.

“Vamos para casa.”

Torces o pulso para te libertar da mãe, que puxa tua mão com força, como se fosse a de uma pessoa que estivesse se afogando. Soltas um por um os dedos da mãe com sua mão livre.

“Disseram que o exército vai entrar. Vamos para casa.”

Tiraste finalmente todos os dedos fortes da mãe. Tu foges para dentro do auditório com agilidade. As filas da marcha dos familiares aflitos que carregam os caixões para casa bloqueiam a mãe, que tenta entrar, seguindo atrás de ti.

“Fecha às seis aqui, mãe.”

A mãe fica na ponta dos pés para cruzar os olhos com os teus por entre as filas dos familiares aflitos. Tu elevas a voz em direção à testa franzida da mãe, como se fosses uma criança chorosa.

“Quando fechar, vou voltar também.”

Só então o rosto da mãe se alivia.

“Sem falta”, diz ela. “Volta antes de escurecer. Vamos jantar todo mundo junto.”

Sem passar nem meia hora desde que a mãe foi embora, tu levantas de novo ao ver um velho com um sobretudo marrom

que, de relance, parece quente. O velho, com um chapéu preto em cima do cabelo grisalho, avança com passos trêmulos, apoiando a bengala de madeira no chão de terra. Desces as escadas após colocar o livro e a caneta em cima do papel-jornal, para não se espalhar com vento.

“Quem está procurando?”

“O meu filho e a minha neta.”

O velho falou com a pronúncia incorreta por causa dos dentes que lhe faltavam.

“Eu vim de Whasun ontem, pegando carona em um trator. Disseram que o trator não pode entrar no centro da cidade, e quase não consegui atravessar o caminho da montanha, onde não tinham soldados.”

O velho toma um grande fôlego. Gotas cinza da saliva pousam nos pelos brancos e ralos ao redor da boca. Não compreendes como esse avô, que nem consegue andar direitinho no terreno plano, atravessou a montanha.

“Meu caçula é mudo... Passou pela febre quando criança e não fala. Um cara que veio de Gwangju anteontem disse que os soldados mataram um mudo, espancando-o com porrete, falou que já fazia muito tempo.”

Ajudas o velho a subir as escadas.

“E a minha neta do meu primeiro filho estuda aqui e mora sozinha em frente da Universidade de Jeonnam, mas quando foram na casa dela anteontem, ela tinha desaparecido... Já faz dias que nem o senhorio nem o vizinho a veem.”

Ao entrar no auditório, vestes a máscara cirúrgica. As mulheres vestidas de luto embrulham garrafas de refrigerante, jornais, bolsas de gelo e retratos do defunto no pano, preparando-se para irem embora. Vês os familiares discutirem se levam os caixões para casa ou se os deixam aqui.

Agora o velho recusa a tua ajuda. Caminha adiante, tampando o nariz com um lenço de algodão encarquilhado. Sacode a cabeça, investigando um a um os rostos que não estão cobertos pelo tecido branco. O chão do auditório pavimentado com borracha abafa o som da bengala de madeira, que se encrava nele

regularmente.

“Quem são aquelas pessoas? Por que os rostos estão cobertos?”

O velho pergunta, indicando as pessoas que estão cobertas até o topo da cabeça.

Hesitas, querendo evitar tua obrigação. Sempre hesitas nesse momento. Quando abres o tecido de algodão branco manchado de sangue e fluidos das feridas, te esperam o rosto rasgado, o ombro cortado, os peitos que estão se estragando sob a blusa. À noite, aquela aparência tão vívida aparecia na tua mente, e teus olhos se abriam de súbito no meio do sono, sobre as cadeiras juntadas no restaurante do subsolo do prédio principal. Torcias o corpo pela ilusão de uma baioneta cortando e furando teu rosto, teu peito.

Vais na frente, caminhando em direção ao corpo do canto. Como se algo como um ímã enorme te empurrasse para fora com toda força, teu corpo, sem perceberes, tenta andar para trás. Para vencê-lo, andas com os ombros inclinados adiante. Ao abaixares o torso para erguer o pano, a cera semitransparente escorre sob a pupila azulada da chama da vela.

Quanto tempo será que o espírito fica ao lado do corpo?

Será que ele esvoaça como se tivesse asas? Fazendo bruxulear a chama da vela?

Pensas que seria bom se tua visão piorasse e até as coisas próximas também ficassem embaçadas. Entretanto, nada está embaçado. Antes de erguer o pano de algodão, não fechas os olhos. Mordendo o lábio inferior até sangrar, ergues o pano. Depois de erguê-lo e baixá-lo devagar, não fechas os olhos. Terias fugido, pensas, cerrando os dentes com firmeza. Mesmo se a pessoa que tivesse caído fosse essa mulher, e não Jungdae, terias fugido. Mesmo se fossem teus irmãos, teu pai, ou tua mãe, terias fugido.

Olhas para o rosto do velho, cuja cabeça está tremendo. “É a sua neta?” Em vez de perguntar, esperas pacientemente ele falar. *Não vou perdoar.* Olhas nos olhos do velho, que treme como se tivesse visto a coisa mais terrível em toda sua vida. *Não vou*

perdoar nada. Nem a mim mesmo.

2. Fôlego preto

Nossos corpos estavam empilhados uns sobre outros, em cruz.

O corpo de um homem desconhecido estava em cima da minha barriga; atravessado em um ângulo de noventa graus, sobre a barriga do homem, o corpo de um jovem desconhecido, também atravessado em um ângulo de noventa graus. O cabelo do jovem tocava meu rosto. O joelho do jovem estava apoiado no meu pé descalço. Eu conseguia ver tudo isso, pois eu cintilava, ainda colado ao meu corpo.

Eles se aproximaram. Rápidos, usando uniforme militar camuflado e capacete, com divisas no braço. Eles, em duplas, começaram a levantar nossos corpos e a jogar no caminhão militar. Com um movimento mecânico, como se carregassem sacos de cereais. Para não perder meu corpo, subi, cintilando, no caminhão, pendurando-me às bochechas, ao pescoço. Estranhamente, eu estava sozinho. Quer dizer, não podia encontrar os espíritos. Por mais que tenha espíritos em todo lugar, não podíamos nos ver ou sentir. A promessa de que nos encontraríamos no outro mundo era oca.

Meu corpo, junto com os outros corpos, foi carregado, balançando em silêncio. De tanto derramar sangue, meu coração parou, e o meu rosto, que ainda continuou a verter sangue, mesmo depois de o coração ter parado, estava fino e transparente como papel. Pareceu ainda mais desconhecido, pois foi a primeira vez que vi meu rosto de olhos fechados.

A noite avançava a cada instante. O caminhão, que havia saído da cidade, corria pela rua vazia, no meio do campo escuro. Ao subir o morrinho arborizado de carvalhos, surgiu um portão de ferro. Quando o caminhão parou por um momento, dois guardas se cumprimentaram com uma continência. Ecoou um som longo

e agudo de metal — uma vez, quando os guardas abriram a porta, outra vez, quando a fecharam. O caminhão subiu o morro um pouco mais e parou no terreno baldio entre o prédio de concreto de um andar e o bosque de carvalhos.

Eles saíram da cabine do motorista. Após puxarem o trinco da traseira do caminhão, começaram a nos carregar, segurando nossos braços e pernas, novamente em duplas. Deslizando para o queixo, para a bochecha, enquanto seguia pendurado em meu corpo, olhei para um prédio de um andar, cujas luzes estavam acesas. Queria saber que prédio era aquele. Onde estava, para onde meu corpo iria.

Eles entraram no mato atrás do terreno baldio por ordem de uma pessoa que parecia ser um superior, empilharam novamente os corpos em cruz. Meu corpo, intercalado em segundo lugar, de baixo para cima, foi comprimido e achatado. Mesmo comprimido desse jeito, não havia mais sangue para escorrer. Com a cabeça inclinada para trás, meu rosto, de olhos fechados e boca entreaberta, parecia ainda mais pálido à sombra do bosque. Eles colocaram um saco de palha sobre o corpo do homem do topo, e agora o pagode de corpos tornara-se algo como o cadáver de um enorme animal com dezenas de pernas.

Depois de partirem, escureceu ainda mais. A tênue luz crepuscular no lado oeste do céu desapareceu lentamente. Eu estava sobre o pagode de corpos, cintilando, e via uma luz pálida atravessar as nuvens cinza que embrulhavam a meia-lua. A sombra do mato criada por aquela luz gravava estampas no rosto dos mortos, como estranhas tatuagens.

Acho que foi por volta da meia-noite que algo frágil e macio se aproximou e me tocou com calma. Sem saber de quem era aquela sombra sem rosto, nem corpo, nem fala, esperei. Queria achar a maneira certa de falar com um espírito, mas lembrei que nunca tinha aprendido isso em nenhum lugar.

Acho que aquele espírito também não sabia como falar. Mesmo não sabendo como iniciar uma conversa uns com os outros, podíamos sentir que pensávamos uns nos outros com

toda a força. Quando aquilo por fim se afastou, como que resignado, voltei a ficar só de novo.

Ao anoitecer, repetiram-se coisas parecidas. Algo tocava minha sombra silenciosamente, e, a cada vez, era um espírito diferente. Nós, que não tínhamos mãos, pés, rosto ou língua, ficávamos imersos em pensamentos sobre quem seria o outro, encostando-nos nas sombras uns dos outros, e, no final, distanciávamo-nos sem conseguir trocar uma só palavra. Cada vez que uma sombra se afastava de mim, eu olhava para o céu. Queria pensar que a meia-lua coberta pelas nuvens também me olhava como uma pupila, mas aquilo era apenas uma pedra oca e prateada, um pedaço enorme de rocha deserta onde não havia vida.

Foi quando essa noite estranha e clara terminava, e a luz azulada da alvorada começava a se espalhar pelo céu negro, que me lembrei subitamente de você. Ah. Sim, você estava junto comigo. Até um porrete frio golpear o meu flanco de repente. Até eu cair como uma boneca de pano. Até eu erguer o braço em meio ao ruído de passos, que pareciam partir o asfalto em pedaços, e de tiros, que rasgavam o tímpano. Até eu sentir o sangue quente jorrar do flanco e se espalhar para os ombros e o pescoço. Até então, você estava comigo.

Os insetos tremiam as asas, fazendo barulho. Os pássaros invisíveis iniciavam seu canto em um tom agudo. As árvores escuras, sacudidas pelo vento e friccionando suas folhas brilhantes, emitiam um ruído. O sol pálido apareceu e logo subiu com vigor em direção ao centro do céu. Os nossos corpos empilhados atrás do mato agora começavam a se decompor. Nos lugares onde o sangue negro endureceu, nuvens de moscas-varejeiras e de mosquinhas chegavam voando e pousavam ali. Cintilando nas bordas do meu corpo, eu as observava esfregar as patinhas dianteiras, rastejar, subir voando e pousar de volta. Queria procurar o seu corpo, saber se estava enfiado no pagode de corpos, queria verificar se você estava entre os espíritos que tinham me acariciado à noite, mas não podia me afastar do meu